



Ciência nas Artes

BIBLOS

VOLUME VI
(2ª série)
2008



Ciência e nas Artes

BIBLOS

REVISTA DA FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Ciência e nas Artes

BIBLOS

Volume VI – (2.ª série) – 2008

REVISTA DA FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHA TÉCNICA

DIRECÇÃO: Maria de Fátima Sousa e Silva (Faculdade de Letras da UC)

COORDENAÇÃO CIENTÍFICA – Presidentes das Comissões Científicas de Grupo da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra:

Delfim Ferreira Leão / José Luís Brandão
Rita Marnoto
Isabel Pedro dos Santos
António Sousa Ribeiro
Manuela Tavares Ribeiro
Lúcio José Sobral da Cunha
Mário A. Santiago de Carvalho
Isabel Maria Nobre Vargues

Jacyntho Lins Brandão (Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil)
José Ramos (Universidade de Lisboa)
Platon Mavromoustakos (Universidade de Atenas, Grécia)
Roberta Mullini (Universidade de Urbino, Itália)

REVISÃO/TRADUÇÃO PARA INGLÊS:

Maria Teresa C. Mourinho Tavares
John David Mock

APOIO TÉCNICO E ADMINISTRATIVO – Gabinete de Publicações

COMPILAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DOS MATERIAIS:

Maria Gabriela das Neves Salgueiro

TRATAMENTO DE TEXTO:

Olga Carramanho
Imprensa de Coimbra L.da

CAPA:

Victor Torres

TODA A CORRESPONDÊNCIA DEVE SER ENDEREÇADA A:

BIBLOS
Faculdade de Letras – Univ. de Coimbra
3004-530 COIMBRA (Portugal)
Endereço electrónico: gpi@fl.uc.pt
ISSN: 0870-4112
Depósito Legal n.º 1401/82
Imprensa de Coimbra, L.da
Coimbra, 2008

ÍNDICE

ARTIGOS

- Carlos Fiolhais, *Imaginação, ciência e arte* 3
- Maria Helena Santana, *Breve história de um (des)entendimento: a Ciência e a Literatura no devir da modernidade* 17
- José Nunes Carreira, *Criação pela palavra no Egipto e no Antigo Testamento* 29
- Maria de Fátima Silva, *As Nuvens de Aristófanes. Um texto fundador do teatro científico europeu* 57
- João Gouveia Monteiro, *D. João III e Júlio Henriques no melhor da história da Universidade de Coimbra* 73
- Maria do Amparo Carvas Monteiro, *Personalidade tímbrica e estética do órgão: arte e artífices na rota transatlântica na corte de D. João V* 85
- Luísa de Nazaré Ferreira, *O sol que tudo vê na tapeçaria de Vénus e Marte do Museu Nacional Machado de Castro* 103
- Luíza Nóbrega, *LIBER PATER. O Louvor de Baco da Antiguidade Greco-Latina ao Renascimento Luso-Italiano* ... 119
- Ladan Taghian Eftekhari, *Som e imagem nas obras de Alfredo Keil* 135

ÍNDICE

- Vasco Gil Mantas, *O valor da ruína* 147
- Isabel Nogueira, *O Embaixador de Jesus de Paula Rego: uma hipótese de análise iconológica* 193

VARIA

- Maria António Hörster / Maria Francisca Athayde, *Da tradução de estruturas sintagmáticas com Adjectivo (Alemão-Português)* 203
- Maria Carmen Gouveia, *O género gramatical do português: da teoria à prática* 221
- Saúl Gomes, *A importância social do património religioso* 251
- Manuel Ferro, *Arquipélago de Sonho, Miragem do Paraíso: A Madeira na Épica Portuguesa do Barroco e Neoclassicismo* 265
- Cláudia Otoni, *Do "TE-DEUM" ao contato com os negros. A sociabilidade urbana no período da Corte Portuguesa no Brasil (1808-1821)* 305
- Paulo Carvalho, *Cidades e Valorização Paisagística de Frentes Aquáticas* 327
- João Luís Fernandes, *Artes visuais, Representações e Marketing Territorial* 339

TEXTOS DE ESTUDANTES

- Arnaldo Lopes Marques, *Cartas pessoais de Almeida Garrett: aspectos léxico-gramaticais e suas implicações semântico-pragmáticas* 369
- Teresa Carvalho, *José Jorge Letria e a máquina da escrita: A poesia até ao «colapso final»* 399
- Ália Rodrigues, *Medeia sob o olhar de Fiama* 411
- Benvinda Lavrador, *O (des)encontro do herói africano com o ocidente nos romances Un nègre à Paris e L'aventure ambiguë* 429

ÍNDICE

- Joaquim Rodrigues dos Santos, *Alexandre Herculano: a idealização de uma imagem do "castelo medieval português"* 441
- Amélia Correia, *Ler Cesário Verde no Ensino Secundário* 461
- Pedro Ricardo Gouveia Fonseca, *Os alvares da eugenia e as suas repercussões em Portugal* 487
- Bruno Maié, *História, Ciência e Arte: apresentação de Luso-Buçaco* 523

RECENSÕES

- Ludwig Scheidl, *Notas de Leitura de Fausto de J. W. Goethe na versão portuguesa de João Barrento* 539
- Delfim Leão, *Iglesias Zoido, Juan Carlos (ed.): Retórica e historiografia. El discurso militar en la historiografía desde la Antigüedad hasta el Renacimiento, Madrid, Ediciones Clásicas y Universidad de Extremadura, 2008* 545
- Pedro Ricardo Gouveia Fonseca, *Richard Dawkins, A desilusão de Deus, tradução de Lígia Rodrigues e Maria João Camilo, Casa das Letras, 2007.* 549
- Marta Ornelas, *J.L. Pio Abreu, Quem nos faz como somos. Coimbra: Editorial Dom Quixote, 2007, 190 p.* 555
- Incanha Intumbo, *J. Holm and P. L. Patrick, Comparative Creole Syntax, Westminster Creolistics Series 7, United Kingdom and Sri Lanka, Battlebridge Publications, 2007.* 563

CRÓNICA

- *IN MEMORIAM* do Professor Díaz y Díaz (M. José Azevedo Santos) 569
- Aposentações 571
- Distinções e prémios 584

ÍNDICE

VIDA DA FACULDADE

- Concursos para Professor Catedrático	589
- Prestação de Provas de Agregação	589
- Concursos para Professor Associado	589
- Doutoramentos	590
- Mestrados	603
- Ciclos de conferências, colóquios e encontros científicos	608
- Conferências, seminários e sessões culturais	632

PUBLICAÇÕES

- Publicações da Faculdade de Letras	659
- Periódicos	659
- Livros da Coleção Estudos: Humanidades	670
- Livros da Coleção Textos Pedagógicos e Didáticos	672
- Publicações recebidas	673
- Monografias	673
- Periódicos	674

NOTA TÉCNICA	681
--------------------	-----

Organização dos volumes	681
-------------------------------	-----

ARTIGOS

MANUEL FERRO
Universidade de Coimbra

ARQUIPÉLAGO DE SONHO, MIRAGEM DO PARAÍSO:
A MADEIRA NA ÉPICA PORTUGUESA DO BARROCO
E NEOCLASSICISMO

Resumo:

Partindo dos princípios enunciados pela poética do espaço, pretende-se analisar o modo de tratamento do arquipélago da Madeira nas epopeias que tratam especificamente do seu descobrimento: a *Insulana*, de Manuel Tomás, composta em plena época barroca e publicada em 1635, e da *Zargueida*, de Francisco de Paula Medina e Vasconcelos, um epígono épico neoclássico, que divulga o seu poema já no século XIX, em 1806. Deste modo, visa-se acompanhar o processo de génese da imagem poética sobretudo da ilha da Madeira, e identificar os respectivos componentes, de modo a associá-la a um espaço de sonho, ou, sob outra perspectiva, a uma miragem do Paraíso à superfície das águas do Oceano.

Abstract:

Starting from the principles defended by the poetics of space, this essay seeks to analyze the poetic treatment of the Madeira Archipelago in the epic poems which deal specifically with its discovery: *Insulana*, by Manuel Tomás, composed in the middle of the Baroque period and published in 1635, and *Zargueida*, by Francisco de Paula Medina e Vasconcelos, a Neoclassic epic epigone, who published his poem in 1806. Thus, the aim is to follow the genesis of the poetic image of Madeira Island and to identify its components, which may be associated to a space of dreams or, from another perspective, to a mirage of Paradise on the surface of the ocean waters.

Num ano de quixotesca memória¹, torna-se quase impossível falar de ilhas e arquipélagos de sonho sem recordar as aventuras de Sancho Pança no governo da ilha Baratária², provocando no leitor a reflexão sobre a importância do espaço insular na literatura da época clássica. Não

¹ Este ensaio resulta de uma comunicação apresentada no Colóquio "Arquipélagos do Desejo", que teve lugar no Funchal, de 28 a 31 de Maio de 2005.

² Cf. Miguel de Cervantes, *El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de la Mancha*, en Madrid, por Juan de la Cuesta, 1605. Sigo a edição actualizada: Miguel de Cervantes, *Don Quijote de la Mancha*, Madrid, Real Academia Española / Asociación de Academias de la Lengua Española / Alfaguara, 2004, Parte II, Cap. XLII - LV, pp. 865 - 974.

esquecemos também que a *Utopia*³, bem como a série de obras que veio fazer desabrochar, em cujo género se inserem títulos como a *Cidade do Sol*⁴, de Tommaso Campanella, e *A Nova Atlântida*⁵, de Francis Bacon, e que recuperam, por sua vez, o mito da Atlântida, se desenrolam em ilhas mais ou menos paradisíacas. Aí crescem cidades exemplares e civilizações modelares, quer devido ao isolamento que o espaço insular permite, quer simultaneamente pelo facto de as ilhas serem pontos de abrigo, contacto e intercâmbio de culturas. Resultante deste fenómeno e da ocorrência de obras que tiram partido dos aspectos enumerados, não admira que os estudos que privilegiam a poética do espaço, dediquem particular atenção ao espaço insular, às ilhas e arquipélagos que povoam a geografia literária do Ocidente. De Gaston Bachelard⁶ a Otto Friedrich Bollnow⁷, ou ainda lembrando os ensinamentos de Herman Meyer⁸, Michel Ragon⁹ ou Jean Weisgerber¹⁰, de forma mais ou menos explícita, mais ou menos alargada, todos eles abordam a importância do espaço insular, apreciando a sua configuração, o seu significado e importância para a construção da diegese, ou ainda o seu valor simbólico, permitindo o salto para o devaneio, a fantasia, em suma, para o sonho¹¹. A esses estudos, podemos hoje

³ Thomas More, *De optimo reipublicae statu deque nova insula Utopia libellus vere aureus*, Louvain, Arte Theodorici Martin, 1516.

⁴ Tommaso Campanella, *La Città del Sole*, Frankfurt am Main, por Tobia Adami, 1623.

⁵ Francis Bacon, *Sylva sylvarum: or a Naturall Historie. In ten centuries...* [*The New Atlantis*], London, J. H. [John Haviland], for William Lee, 1627.

⁶ Gaston Bachelard, *La Poétique de l'Espace*, Paris, Presses Universitaires de France, 1974 (1ª ed.: 1957).

⁷ Otto Friedrich Bollnow, *Mensch und Raum*, Stuttgart / Berlin / Köln / Mainz, Verlag W. Kohlhammer, 1984 (1ª ed.: 1963).

⁸ Herman Meyer, "Raumgestaltung und Raumsymbolik in der Erzählkunst", in: *Studium Generale*, X, Heft 10, 1957, pp. 620 - 630.

⁹ Michel Ragon, *L'Homme et les Villes*, Paris, Berger-Levrault, 1985 (1ª ed.: Paris, Éditions Albin Michel, 1975).

¹⁰ Jean Weisgerber, *L'espace romanesque*, Lausanne, Éditions L'Age d'Homme, 1978.

¹¹ Naturalmente que outros críticos e teorizadores de diferentes escolas e perspectivas dedicaram particular atenção ao estudo do espaço literário, embora centrando-se em determinadas formas e géneros literários e valorizando a sua importância, conforme os casos minadas formas e géneros literários e valorizando a sua importância, conforme os casos estudados. Entre esses casos, refiram-se M. Bachtin, "Zeit und Raum im Roman", in: *Kunst und Literatur*, 22, 1974, pp. 1161-1191; Roland Bourneuf e Réal Ouellet, "O Espaço", in: *und Literatur*, 22, 1974, pp. 1161-1191; Roland Bourneuf e Réal Ouellet, *O Universo do Romance*, Coimbra, Livraria Almedina, 1976, pp. 130-168; Volker Klotz, *Geschlossene und Offene Form im Drama*, München, Carl Hanser Verlag, 1980 (1ª ed.: 1969), pp. 45-59 e 120-136; Iouri Lotman, "Le problème de l'espace artistique", in: Iouri Lotman, *La structure du texte artistique*, Paris, Éditions Gallimard, 1973; J. M. Lotman, "On the metalanguage of a typological description of culture", in: *Semiotica*, 14: 2, 1975, pp. 97-123; Jurij M. Lotman e Simonetta Salvestroni, "Il Viaggio di Ulisse nella 'Divina Commedia' di Dante", in: Jurij M. Lotman, *Testo e Contesto. Semiotica dell'arte e della cultura*, Roma / Bari, Laterza, 1980, pp. 81-102;

acrescentar as reflexões contidas na comunicação antontem apresentada pela nossa Colega, Professora Sónia Netto Salomão¹², neste mesmo colóquio.

Partindo, então destes pressupostos teóricos, é nosso objectivo fazer uma leitura da *Insulana*¹³, de Manuel Tomás¹⁴, composta em plena época barroca e publicada em 1635, e da *Zargueida*¹⁵, de Francisco de Paula Medina e Vasconcelos¹⁶, um epígono épico neoclássico, que divulga o seu poema já em pleno século XIX, mais precisamente, em 1806. Comum às duas epopeias é o assunto – o descobrimento da ilha da Madeira; no entanto, é diferente o modo de abordar o espaço poético, na medida em que a perspectiva assumida depende do gosto literário de cada um dos

Georges Matoré, "L'espace littéraire", in: Georges Matoré, *L'espace humain*, Paris, Paris, Librairie A. G. Nizet, 1976, pp. 205-235; Manfred Pfister, "Raum- und Zeitstruktur", in: Manfred Pfister, *Das Drama*, München, Wilhelm Fink Verlag, 1984 (1ª ed.: 1982), pp. 327-381.

¹² Cf. a comunicação apresentada neste Colóquio pelo Prof.ª Sónia Netto Salomão intitulada "O mar na literatura madeirense".

¹³ Manuel Tomás, *Insulana*, Anvers, em casa de João Meursio impressor, 1635.

¹⁴ Manuel Tomás nasceu em Guimarães, possivelmente em 1585. Passou quase toda a sua vida na Ilha da Madeira, onde veio a falecer em circunstâncias dramáticas, em 1665, aos 80 anos de idade. Da sua produção literária constam três poemas épicos – o *Poema del Angelico Doctor Sancto Thomás* (1626), a *Insulana* (1635) e o *Phenix da Lusitania* (1649) –, a *União sacramental* (1650), obra destinada a celebrar o mistério da Eucaristia, além de obras líricas de menor importância: as *Rimas sacras, dedicadas a todos os sanctos* (1635), o *Thesouro de virtudes* (1661), que inclui vinte e um romances, e as *Décimas a um peccador arrependido*, todas elas compostas seguindo o gosto gongórico.

Sobre a sua biografia e produção literária, consulte-se José Maria da Costa e Silva, *Ensaio Biographico-Critico sobre os Melhores Poetas Portuguezes*, Tomo VII, Lisboa, Imprensa Silvana, 1854, pp. 59-83.

¹⁵ Francisco de Paula Medina e Vasconcelos, *Zargueida, Descobrimto da Ilha da Madeira*, Lisboa, na Oficina de Simão Tadeo Ferreira, 1806.

¹⁶ Francisco de Paula Medina e Vasconcelos nasceu na Ilha da Madeira, na cidade do Funchal, em 1768. Aos vinte anos de idade veio para o Continente, a fim de frequentar a Universidade de Coimbra, onde, na realidade, se matriculou. Preso por crimes, de que sempre se confessou inocente, foi solto ano e meio depois e expulso da Universidade. Em 1793 já se encontra na Madeira a desempenhar as funções de Tabelião público de notas da cidade do Funchal. Depois de várias viagens ao Continente, foi perseguido e preso em 1823, desta vez acusado de partidário de ideias constitucionistas. Degredado para Cabo Verde, pouco tempo sobreviveu, tendo falecido na Ilha de S. Tiago, em 1824. Da sua produção literária, além dos volumes de *Poesias líricas* (1793 e 1797), incluindo sonetos, odes, epístolas, idílios, quadras e motes glosados, legou-nos umas *Sextinas elegiacas ao memorável estrago da cidade do Funchal* (1805) e uma *Elegia à deplorável morte do grande e incomparável Manuel Maria de Barbosa du Bocage* (1806), além de outros poemas que ficaram dispersos. As suas experiências de maior fôlego, muito embora não muito conseguidas, são dois poemas épicos: *Zargueida, Descobrimto da Ilha da Madeira* (1806) e *Georgeida* (1819).

Sobre a vida dramática deste poeta, veja-se de Álvaro de Azevedo, *A Madeira, Funchal*, Typ. da Madeira, 1857.

autores e da respectiva época, muito embora o modelo seguido seja o mesmo – Camões.

Desse modo, se é possível detectar aspectos poéticos semelhantes nos dois poemas, tal facto explica-se também, por outro lado, tendo em conta a tradição literária que tinha vindo a reelaborar a matéria da descoberta da Madeira desde o momento em que tal acontecimento tinha tido lugar. Aliás, como o Professor Silvano Peloso demonstrou aqui na sua alocação, tal tradição remonta mesmo a um período anterior à data de tal evento¹⁷.

Nas relações do descobrimento atribuídas a Francisco Alcoforado¹⁸ e a Gonçalo Aires Ferreira¹⁹, escudeiros do Infante D. Henrique, encerraram-se informações não de todo factuais sobre “huã terra brava”²⁰ recém-encontrada, mas que contêm já os tópicos posteriormente repetidos vezes sem conta. Além do denso arvoredo, é a abundância de águas e ribeiras, assim como o cerrado nevoeiro que a encobre que lhe dão os traços individualizantes e a distinguem das restantes terras. Como nódulo ficcional, a história de Machim é considerada não propriamente como uma lenda, mas como um episódio que conduziu ao redescobrimento da Ilha. Outra versão dessa narrativa circulava ao tempo, se bem que de modo mais resumido e com ligeiras variantes, como atestam o *Manuscrito*²¹ de Valentim Fernandes e a *Crónica dos Descobrimentos*²², de António Gal-

¹⁷ Cf. a comunicação apresentada neste Colóquio pelo Prof. Silvano Peloso intitulada “A literatura e o mar: o sonho da Madeira antes da Madeira”.

¹⁸ Francisco Alcoforado, *Relação*, in: Antonio Gonçalves Rodrigues, *D. Francisco Manuel de Melo e o descobrimento da Madeira (A Lenda de Machim)*, Lisboa, Eds. Biblion, 1935, pp. 63-82.

¹⁹ Gonçalo Aires Ferreira terá sido o autor de um relato do descobrimento da Madeira, muito próximo do de Francisco Alcoforado, que, ainda nos fins do século XVI se encontrava entre os documentos possuídos pelos capitães desta ilha, visto que, em data não muito anterior a 1579, um cônego madeirense obteve uma cópia dele, incluindo-a numa obra sua, da qual existem vários apógrafos, um deles publicado em 1947, em edição prefaciada por João Franco Machado (Jerónimo Dias Leite, *Descobrimento da ilha da Madeira e discurso da vida e feitos dos capitães da dita ilha*. Tratado composto em 1579 e agora publicado com introd. e notas de João Franco Machado, Coimbra, FLUC, 1947). Também dele se aproveitou Gaspar Frutuoso, abaixo referido, refundindo-o e enriquecendo-o com contributos de sua lavra em vários capítulos da sua obra (Vide *infra*, nota 32). O original, que se conserva inédito, era ainda desconhecido quando essa publicação foi feita. Sobre esta matéria, veja-se Damião Peres, *História dos Descobrimentos*, Porto, Portucalense Editora, 1943, pp. 47-51.

²⁰ Cf. Francisco Alcoforado, *op. cit.*, p. 68.

²¹ *O Manuscrito “Valentim Fernandes”*, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1940, pp. 108-115 e 204-206.

²² António Galvão, *Tratado dos Descobrimentos*, Porto, Civilização, 1987, pp. 72-75.

vão. Todavia, como acentua Damião Peres²³, esse episódio do lendário descobrimento da Madeira está ausente das obras dos nossos cronistas, facto que corrobora a ideia de ser uma incrustação romanesca tardia, anteposta a uma reelaboração dos originais²⁴.

Valorizando muito mais o processo de colonização do arquipélago, Gomes Eanes de Zurara, na *Crónica dos feitos da Guiné*²⁵, cap. 83, fala de passagem na chegada ao Porto Santo, para então se deter, se bem que de modo igualmente breve, na descoberta da Madeira, caracterizando a ilha pela abundância de águas e riqueza agrícola, bons ares e grande quantidade de aves:

“Esta segunda jlha acharom boa, specialmente de muy nobres auguas corredyas, que leuam pera regar a qualquer parte que querem. E começaram ally de fazer suas sementeiras muy grandes, de que lhes vierom muy abastosas nouidades. Desy, virom a terra de boons aares e saadya e de muytas aues, que logo no começo tomauam com as mãaos, e assy outras muytas bondades que acharaom na dicta jlha.”²⁶

Por sua vez, Duarte Pacheco Pereira, também refere, embora sumariamente, a descoberta e povoamento do arquipélago por iniciativa do Infante, no “Prólogo” do *Esmeraldo de situ orbis*²⁷, mas é João de Barros, nas *Primeira Década da Ásia*²⁸, que mais detalhes apresenta sobre o acontecimento e sobre as ilhas em si.

Se o Porto Santo foi descoberto graças a uma tempestade que afastou os marinheiros da rota de reconhecimento da costa africana²⁹, a

²³ Damião Peres, *op. cit.*, p. 45-53.

²⁴ Cf. *idem, ibidem*, p. 51.

²⁵ Gomes Eanes de Zurara, *Crónica dos feitos da Guiné*, Vol. II, Lisboa, Agência Geral das Colónias, 1949, cap. 83, pp. 360-366, reproduzido em *Monumenta Henricina*, Vol. II (1411-1421), Coimbra, Comissão Executiva das Comemorações do V centenário da Morte do Infante D. Henrique, 1960, pp. 357-362.

²⁶ Gomes Eanes de Zurara, *Crónica dos feitos da Guiné*, Vol. II, *loc. cit.*, p. 362; *Monumenta Henricina, loc. cit.* p. 359.

²⁷ Duarte Pacheco Pereira, *Esmeraldo de situ orbis*, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1988, p. 10.

²⁸ João de Barros, *Ásia. Primeira Década*, Vol. I, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1988.

²⁹ *Idem, ibidem*, pp. 15-16: “Mas aproue a piadade de deos, q o tempo cessou, e posto que os ventos lhe fizéram perder a viagem que leuáam segundo o regimento do jufante, nã os desuiu da sua boa fortuna: descobrindo a jlha a que agóra chamamos Porto sancto, o qual nome lhe elles entam posseram, porque os segouro do pirigo que nos dias da fortuna passaram. E bem lhes pareceo que terra em parte nam esperáda, nam sómente lha deparúa deos pera sua saluaçam, mas ajnda pera bẽ e proueito destes reynos, vedo a desposiçam e sitio della: e mais nam ser pouoáda que ja tinhã noticia.”

Madeira, segundo o relato de Barros, foi encontrada como resultado do desafio do homem perante o desconhecido, num acto de coragem e aventura, de luta contra a superstição e os mitos do passado:

“[...] Partido Bertolameu Perestrello [para o Reino, João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz Teixeira] determináram de jr ver se éra terra hua grande sombra que lhe fazia a jlha a que óra chamamos da Madeira. Na qual auia muitos dias que se nam determinauã, por que por razam da grande humidade que em sy continha com a espessura do aruoredado, sempre a viam afumada daquelles vapores, e parcialhe serem nuuees gróssas e outras vezes afirmáuã que era terra: porque demarcãdo aquelle lugar cõ a vista, nam o viam desassombrãdo como as outras partes.”³⁰

Explicado o nome atribuído, logo se tecem os encómios à terra generosa e fértil, que apenas pode encontrar paralelo com a de Inglaterra, a ponto de lhe ser concedido o atributo de “princesa” das ilhas “do már Oceano occidental a esta nóssa Európa”³¹. Deste modo, a fama dos feitos marítimos lusitanos expande-se por toda a Europa.

No entanto, a reelaboração e enriquecimento de todos estes dados deve-se a Gaspar Frutuoso, no *Livro 2º das Saudades da Terra*³². Aí, o autor não é indiferente ao encanto da lenda e reconta-a em tom de novela sentimental, considerando-a como uma “história mais verdadeira e particular”³³. Mas, mais do que isso, a sua sensibilidade leva-o ainda a enaltecer as belezas da Ilha numa das páginas de mais vibrante lirismo perante o espectáculo da natureza:

“A Ilha da Madeira, q como tenho dito lhe pos nome assi o felicissimo capitão primeiro della João Glz Zargo por causa do muito, espesso, e grande arvoredado, de que era cuberta, e toda chea de infinidade de madeira, he alta com montes, e rochedos muy fragosos [...]; saudosa com altísimos montes, e fundos uales pousados de alto, e frondoso aruoredado e diuersas aruores: regada com grandes e frescas ribeiras, de doces & claras agoas; ennobrecida com muitas e grandes pouoações de soberbos, e sumptuosos edificios; esmaltada com ricas, e fermosas quintas; ornadas de ricos, e custosos pomares de exquisitas, e diuersas frutas, enfeitadas com artificiosos, e deleitosos iardins de uarias e curiosas heruas, e flores. Hum Rubi finalmente q com seu resplendor, cor, e formosura dá graça a toda a

³⁰ *Idem, ibidem*, p. 17.

³¹ Cf. *idem, ibidem*, p. 17.

³² Gaspar Frutuoso, *Livro 2º das Saudades da Terra, em que se trata do Descobrimto da Ilha da Madeira e suas Adjacentes e da vida e Progenie dos Illustres Capitães dellas*, Porto, Emp. Industrial Gráfica do Porto, 1925.

³³ *Idem, ibidem*, p. 43.

redondesa do anel do Vniuerso em circuito: pois com liquor, e doçura, como com Nectar, e Ambrosia, proué as Índias ambas, a oriental aromatica e a occidental dourada, chegando e adoçando seus fructos de extremo a extremo quasi ao mundo todo.”³⁴

Contudo, outros elementos refere, tratados com o devido detalhe, como o negrume de nevoeiro de que a ilha aparecia revestida, a câmara dos lobos ou as espécies de plantas e animais que abundam no arquipélago. Outros dados de relevo tratam da genealogia dos capitães da Ilha, a descrição pormenorizada da costa, a fundação do Funchal e restantes vilas, a acção dos bispos e os feitos célebres de figuras daqui naturais. Em suma, ali estava condensada toda a matéria épica de que Manuel Tomás precisava para compor a *Insulana*.

No entanto, se nesta série de autores não seja de esquecer Camões, é n’*Os Lusíadas* que, pela primeira vez, a Madeira é objecto de tratamento épico:

“Passámos a grande Ilha da Madeira,
Que do muito arvoredado assim se chama;
Das que nós povoámos a primeira,
Mais célebre por nome que por fama.
Mas, nem por ser do mundo a derradeira,
Se lhe aventajam quantas Vénus ama;
Antes, sendo esta sua, se esquecera
De Cipro, Gnido, Pafos e Citera.”³⁵

(*Os Lusíadas*, V, 5)

Aqui se apontam algumas constantes que se tornaram quase códigos sempre que a Madeira é cantada: o luxuriante arvoredado e as belezas da ilha que a tornam digna morada de Vénus, a par das restantes ilhas que à deusa são dedicadas desde a Antiguidade Clássica.

Ao retomar o assunto, D. Francisco Manuel de Melo, na *Epanáfora Amorosa*, sobre o *Descobrimto da Ilha da Madeira*³⁶, segue de perto o relação de Francisco Alcoforado, embora enriquecendo o relato com uma densidade poética de que inicialmente carecia, como, aliás, António

³⁴ *Idem, ibidem*, p. 93.

³⁵ Luís de Camões, *Os Lusíadas*, Lisboa, Ministério da Educação, 1989, p. 124.

³⁶ D. Francisco Manuel de Melo, *Epanáfora Amorosa Terceira*, in: D. Francisco Manuel de Melo, *Epanáforas de Vária História Portuguesa*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1931, pp. 210 – 270.

Gonçalves Rodrigues demonstra³⁷. Dedicava a primeira grande parte à narrativa da trágica história dos amores de Roberto Machim e Ana de Arfet. A primeira referência à Ilha apresenta-a como uma terra altíssima, coberta de bárbaro arvoredo, sobre o qual repousavam os raios do sol poente³⁸, completando-se esta imagem, com pormenores, mediante os quais se esclarece que a terra é deserta, mas saudável e pacífica, onde os pássaros abundam e enchem os ares de animado canto³⁹, muito embora se reforce a ideia de que todas as maravilhas observadas não se tratam de pura ilusão⁴⁰. O momento de maior intensidade lírica na descrição da Ilha encontra-se, porém, no relato do dia seguinte, quando desembarcam, depois de um breve reconhecimento:

“Iluminava então o sol os arvoredos; cujos ramos, meneados brandamente da matutina viração, mostravam (como por amostra da sua riqueza) diferentes cores; mas todas naturais e concertadas. As agoas, igualmente deliciosas aos olhos e ouvidos, enchião a vida de fermosura, a orelha de harmonia. Nenhum animal ostentou a força, ou a ligeireza, porque desde a meninice do mundo até essa hora, ignoravam, como os homens aquelle transito, que depois, devêrão á sua industria. As brenhas e florestas espiravam saúde, nunca, nem agora, penetradas de algum venenoso bicho. A pratica parece que ficou a cargo das aves, que com estranhas vozes, não se sabe se culpavam, ou engrandecião o atrevimento humano; que a custa de tantas tragedias, quis coser os retalhos da terra, por industria de aquella agulha, que duvidavamos se nos foy dada por galardão, ou castigo. Corria o ar, não só puro, mas perfumado das flores, sobre as quaes passava sua leve carreira. Ellas jámais logradas da vista, ou do olfato, para que forão feitas, parece que como em dia de suas bodas, se havião composto de nova fermosura. Eminentos os oiteiros e profundos os valles, em sua desproporção guardavão arquitetura rigurosa e agradável; aquelles pejando o vento de ramos soberbos, e estes despejados de todo o impedimento das florestas, convidavão as mãos ao roubo, e as plantas ao passeio, sobre ervas saudaveis e cheirosas.

Pouco distante da praya, se descobria hum sitio, donde parece que a natureza havia esmerado todos seus primores. Formava hum campo breve e redondo; cujas paredes erão loureiros, iguais na rama e altura; a quem, como verde tapeçaria de folhagens, armavão bastissimas eras. Em a parte superior se via huma arvore, que como mais mimosa dos elementos, sobia entre as outras: seu nome foy ignorado de todos os que chegarão a vela, assi sua opulencia, assi sua fermosura. Havia o tempo aberto em seu tronco

³⁷ António Gonçalves Rodrigues, *op. cit.*, 31-36.

³⁸ Cf. D. Francisco Manuel de Melo, *Epanafora Amorosa Terceira*, *loc. cit.*, p. 226.

³⁹ Cf. *idem, ibidem*, p. 227.

⁴⁰ Cf. *idem, ibidem*, p. 227.

huma capaz morada, toda cuberta de finissimo e dourado muzgo. A visinha ribeira, que da serra ao mar contente hia caindo, ministrava a aquelle sitio conformes, a dilicia e a comodidade; serviólhe de ladrilho as mimosas areas que o rio por sobejas engeitava, e despedidas da corrente, se espalhavão por huma e outra banda, sem dano da amenidade dos prados, que lhe servião de leito.”⁴¹

É o jardim do Éden reencontrado, com a natureza intacta, o *loecus amoenus* da tradição clássica, a ignorância do perigo e do mal, o fascínio pela harmonia do canto das aves, as sinestésias das flores, o sublime das paisagens e o pitoresco dos pormenores. Mas todo esse paraíso viria a ficar tingido pelas cores da tragédia com a morte, primeiro, de Ana e, depois de Roberto. O passo referente à sepultura da amante, confere ao discurso poético o tom elegíaco adequado à situação⁴². No entanto, transportado o leitor pela poesia da narrativa, passa, de seguida, ao relato histórico dos acontecimentos. Então, aproveita o autor as lendas do tempo sobre os perigos dos mares ignotos e das terras encobertas, já por nós mencionadas⁴³, como modo de glorificar a personalidade do capitão e a

⁴¹ *Idem, ibidem*, pp. 228-229.

⁴² Cf. *idem, ibidem*, p. 240: “Ornário de huma grande cruz de madeira aquelle barão e piadoso tumulto, por testemunho de sua religião; apar do qual, em versos latinos elegiacos, escreveo Roberto sua historia, na maneira que fielmente procuramos referir; acabandose em hum elegante apostrofe em que pedia, que se algum tempo alguma gente da ley de Christo viesse a povoar aquelle deserto, por reverencia do Senhor Crucificado (que alli ficava tomando posse de aquella pequena parte do seu mundo) quizesse edificar em o lugar proprio, donde como em Betel se lhe havia levantado a primeira ara, hum templo a Jesu Salvador, por se assi voto de nova piedade, que em tão inculto deserto louvára o santo nome de Christo.”

⁴³ Cf. *idem, ibidem*, pp. 249-250: “Corria desde o descobrimento da Ilha de Porto Santo (adonde João Gonçalves agora dirigia sua viagem) huma confusa fama entre os Portuguezes que alli povoárão, que desde aquella ilha, á parte do nordeste, aparecia no golfo do mar certa escuridão continua e cerrada, desde a agoa ao ceo; a qual jámais se desfazia ou alterava, mas com medonho ruido (que alguma vez se ouvia no Porto Santo) parecia guardada sobrenaturalmente. [...] Esta inadvertencia tinha os homens tão rudos nas cousas do mar, que todos ignoravão seus segredos; donde vinha que a paragem desta escuridão era geralmente julgada por hum abismo, e ainda com esse nome nomeada. Outros asseguravão ser boca do Inferno, favorecidos da opinião de alguns theologos, que participantes do proprio temor que os simples, mostravão ser possivel, com argumentos e autoridades. Os que das historias se prezavão de ter melhor noticia, tinham para si que ella fosse aquella antiga Ilha Cipango, por misterio de Deus encuberta; donde foi fama se retirárão os bispos e povo catholico Lusitano e Espanhol, quando a opressão dos Sarracenos; e que tratar da averiguação desta verdade, seria erro e peccado manifesto contra a Providencia Divina, que ainda não era servida declarar aquelle secreto, com os sinaes que precederão a seu descobrimento; os quaes se acham escritos (dizem elles) nos antigos vaticínios, que desta maravilha fallão.”

coragem dos navegadores⁴⁴. Só depois faz a descrição dos encantos da Ilha, de modo a convergir com a descrição mais romanesca anteriormente apresentada:

“Dobrada a primeira ponta, que se descobria para a parte do sul, se vio logo a terra alta, povoada de espessissimo bosque, desde a eminencia das serras, até a fralda do mar, recolhida por aquella banda hum pouco a nevoa, que só corouava os montes. Aqui se confirmou o prazer, e se despedio de todo a desconfiança; vendose como tudo o que já se via, era terra natural e verdadeira.”⁴⁵

Detém-se também o autor com algum pormenor no local onde a cidade do Funchal vem a ser edificada, espaço aprazível e bem situado, estrategicamente disposto⁴⁶, narrando, de seguida, o episódio da câmara dos lobos marinhos, e explicando daí o sobrenome adoptado pelo capitão⁴⁷.

Deste modo, já em pleno Barroco, a imagem do arquipélago encontrava-se plenamente moldada, embora venha a ganhar outros contornos com o poema de Manuel Tomás, *A Insulana* – onde se exploram com exaustão os aspectos atrás enunciados e, muito particularmente, os dados que Gaspar Frutuoso colige. Assim, a epopeia transfigura-os, numa verdadeira apoteose, exaltando o arquipélago, mas muito em particular a Madeira, “a Princesa das Ilhas” (como refere na estrofe 2 do Canto I)⁴⁸, desde o seu descobrimento. Aí, as primeiras alusões à nova terra inserem-se no relato de João de Amores a Zarco, que vem abrir caminho à apresentação da lenda de Machim. A ilha não passa

⁴⁴ Cf. *idem, ibidem*, p. 254: “Assi proseguia João Gonçalves sua viagem, quando por entre a escuridão descobrirão huns vultos, ainda mais negros que ella. Não deixou reconhecêlos a distancia, nem faltárão alguns (como de ordinario succede, donde muitos concorrem) que affirmassem haverem visto gigantes armadas, de temerosissima grandeza. Entendeose depois, que as penhas de que he guarnecida a terra pellas prayas, fazião sembrante destas imagens, que confusa ou medrosamente, vião aquelles navegantes.”

⁴⁵ *Idem, ibidem*, p. 256.

⁴⁶ Cf. *idem, ibidem*, p. 260: “[...] Procedendo com sua viagem, sempre arrimado á terra, descobrio hum espaçoso campo, despejado do importuno bosque, que por qualquer parte se encontrava. Viase todo coberto de viçosissimo funcho, medicinal erva, até para as serpentes; [...] Da copia delle, que neste campo se levantava, tomou nome de Funchal, ha muytos annos celebrado, pella cidade alli edificada com o proprio nome, metrópoli da ilha, e que no foro espirital o foi já de todo o Oriente. [...] Procedião deste valle do Funchal ao mar tres caudalosas ribeiras, e defronte delle, na boca da praya em que se rematava, se erguião dous ilheos, que, como guardaventos ou biombos de aquelle lugar ameno, para seu reparo tinha alli prevenido a natureza”

⁴⁷ Cf. *idem, ibidem*, pp. 261 – 262.

⁴⁸ Manuel Tomás, *A Insulana, loc. cit.*, p. 1.

então de uma miragem, um cenário caracterizado pela abundância de ribeiras, árvores, montes e vales:

“Dizem que a fresca terra nos demóra,
Em ribeiras, & aruores pujante,
Proprio sitio de Zephiro, & de Flóra,
De valles fresca, & riqua de altos montes,
Com vista alegre em varios Orizontes.” (I, 111, 4-8)⁴⁹

O Canto II, preenchido pela lenda, sobrepõe a imagem de um espaço ficcional à realidade, adequado ao enredo amoroso, na sequência do que D. Francisco Manuel de Melo havia feito. O cenário natural proporciona, então, o acolhimento e o aconchego ansiados, mediante a protecção dos ramos e troncos, numa paisagem à qual não são alheios os códigos bucólicos.

“Mas depois de alguns dias engolfados
A descrição do vento que os leuaua,
Duuidozos, por verse derrotados
E que o piloto Amor cego os guiava,
Vista ouuerão de hums montes leuantados,
Aquem o Mar em torno cerqa, & laua,
E de huma ponta à dentro onde fugirão,
Huma enseada alegres descóbrirão. [...]

Cvberta esta se vía de aruoredo
A vista espesso, & alto em demazia
Cercado pello Mar, de alto rochedo,
Com que inculta & ser noua parecia,
Metidos no batel, (em que com medo)
Virão que huma Ribeira clara, & fria,
Entre Aruores, & Rochas despenhada
Daua tributo ao Mar, pella enseada.

Virão que dous fermosos, & altos montes
A Ribeira causavaõ deleitosa,
Cobrinco o aruoredo os Orizontes,
Que cría ally a terra por viçosa,
Que forma a lympha em pedras varias fontes,
Na terra a grama estancia graçiosa,
E que as Aruores temem com auizo
De em si ver a filauçia de Narçiso.[...]

⁴⁹ *Idem, ibidem*, p. 38.

E depois de notar a fermozura,
Da terra, que por noua entaõ julgaraõ,
E na agoa cristalina, fria, & pura,
Glorias que os valles seus fertilizaraõ,
Huma aruore famoza na espessura
Se vïo, en cujo péee todos se entraraõ,
Como em caza, que fes a natureza
Prodigua sempre, em publicar grandeza.

Os ramos tinha grandes, & estendidos,
Mais que os dos Terebyntos derramados,
Como quem os fauores tem subidos,
Em o curso das agoas renouados,
Os citios pois, assim reconhesçidos,
E só por da alma Venus bem julgados,
Contentes volta à Não todos fizeraõ,
Onde da terra alegres nouas deraõ.”(II, 101, 103-104 e 105-106)⁵⁰

Depois, vêm os pormenores das aves, quais sereias graças ao canto, numa saudação de boas-vindas; dos perfumes das flores; e do conforto da erva, como se de um recanto dedicado a Vénus ali se tratasse:

“As Aues de mil cores, nas ribeiras,
Com o vento que lhes dá lasçiuo, & brando,
Da inculta estança proprias lisongeiras,
Que huma Cidade nella estaõ formando,
A receber os Anglos sãem ligeiras,
E Syrenas do çitio saõ cantando,
A cujas páuzas, trinos, & requebros,
Respondem da Ribeira os doces quebros.

Fragança riqua lhes inspiraõ os ventos,
Em as folhas das aruores melhores,
E ally com brando sóm formaõ instrumentos,
Que pairesse que estaõ cantando amores,
Da natureza os proprios ornamentos,
Lhes alcatifa o valle de mil cores,
Que tudo com mais graça amanhesçia,
Porque à Machim alegre resçebia.

As conchinhas pintadas em a praya
Neptuno esparze, porque se prezúma
Que à Damma de Machim, quando ally saíha

⁵⁰ *Idem, ibidem*, pp. 76-78.

Hé como a que no Mâr nasçeo da escuma,
Tritaõ os seus ministros presto ensaya
E os Delfins Ariaõ, com gloria suma
Cujas altas choréas, & mudanças,
Encheraõ o Mâr de nouas esperanças.

[...] A Venus entendeo que a dedicaua,
Com glorias mil entam, Fauonio, & Flóra,
Porque nas Ágoas, Aues, Herua, & Flores,
Era, çitio de quem conserua amores.” (II, 112-115)⁵¹

Todavia, não demorará que esta paisagem amena e deslumbrante se conjugue com outra, em que a escuridão da noite e a tempestade vêm provocar a dor, o sobressalto e, depois, a morte.

“A Noite escura, negra, & temerosa
De quem Delia com medo se escondia,
Se mostrou com o vento tam furiosa
Que com à Não pairarse, não podia
E com a tempestate riguroza,
No captiueiro déu de Berbería;
Donde os Anglos que os Astros nella acharaõ
De Atlante ao grande Reino os trespassaraõ.

Mas tanto que na terra, alegre salua
Mostraraõ publicar com alegria
As aues em os ramos, porque a alua
Com noua, & pura lux, amanhesçia,
E tanto que na estança a verde malua
Os aljofres da noite sacodia,
Os que nella fiquarão diuertidos
Não vendo à Não se deraõ por perdidos.” (II, 125-126)⁵²

A par, o fundo do mar constitui o espaço onde o maravilhoso do poema se projecta. No concílio dos deuses marinhos, realizado na casa de Neptuno, essa dimensão, se inicialmente apresentada com traços algo realistas, não deixa, depois, de deslumbrar o leitor e transportá-lo para o mundo da fantasia, aliás na sequência do modelo camonianos:

“Em o meyo do Mâr alto, & profundo
De altissimas cauernas rodêado,

⁵¹ *Idem, ibidem*, pp. 80-81.

⁵² *Idem, ibidem*, pp. 84-85.

Hum çitio ameno está, bello & jocundo
Em espaçoso campo dillatado,
Vesse o terreno, quanto mais no fundo
De crystallinas conchas rodeado,
Com Rûas em que a Méstra Natureza
De seu poder mostrou toda a belleza.[...]

Chegaõse pouco, a pouco, & de fermosas
Nymphas, hum choro vem, que alegremente
Em choréas das ondas pressurosas
Vem cortando o cristal resplandegente;
Coroãdas de Flores & de Rozas,
Com çytharas que tocaõ doçemente,
Que alegres chegaõ à frota rodeando
De Cristal Flores nella derramando.

[...] Rendidos vendo os Mâres prateados,
Do fundo delles lhe libaraõ flores,
Trás do qual já do valle os largos prados,
Com danças cortaõ, porque as nouas cores,
Que lhes o riquo Oriente descobria,
Mostraõ, que tráz à Aurora o nouo dia.” (III, 11, 40 e 47)⁵³

278 Passando, então, para o plano da História, acompanhamos a chegada dos navegadores ao arquipélago e nesse momento apontam-se uma vez mais os temores provocados pelas lendas e superstições ainda ao tempo dominantes. É sempre o denso nevoeiro a causa dessas efabulações e a oportunidade para se tecerem as explicações mais consensuais:

“Delle, se descobrio com neuôa escura
Hum fumo denegrado, & espantoso
Cuja densa, & terribel massa impura
Faziã o mesmo Ar, caliginoso,
Tanto do Már, tée a suprema altura
Subia, qual Vulcaõ feo, & medrozo,
Que iulgaraõ, ao çitio como impuro,
Por horror proprio do Barathro escuro.

De antes sobre isto a gente fabulaua
Formidaueis secretos escondidos,
Que o fumo espesso a luz do Sol, cegaua
E que Vulcaís o Mâr tinha ençendidos,
Que a regiaõ mais clara se offuscaua,

⁵³ *Idem, ibidem*, pp. 102, 112 e 116.

E que do Ar as chamas com bramidos
Hum nouo Æthna estauaõ demonstrando
Vertendo enxofre, & fogo vomitando.

Diziaõ ser o lago tenebrozo
Que à Plutaõ nega a clara lux do dia
Onde o Tryfauçe Perro temeroso
Com latidos temor nas almas cria,
Ou que secreto algum voráginoso
Entre tam denso fumo o Mâr cobria,
Ou que na tal parágem o vento achaua
Melhor a liberdade que buscaua.

Mas pello superior de neuôa escura
Que guardar paressia ardor immenso
Negra fazendo a Regiaõ mais pura
A quem escuressia o fumo denso,
Citio mostraua ser que o fogo apura,
Botando fora o que ally guarda intenso,
Mas os mais, na vorágem se affirmauaõ
E sobre ella, mil cousas fabulauaõ.” (III, 56-59)⁵⁴

279 Só a voz da experiência, do bom senso e da coragem de Zarco, corroborados pelo parecer de João de Amores, desmontam as quimeras e possibilitam a exposição das explicações mais razoáveis e a afirmação do bom senso:

“A causa pois das Náos considerada
Da Lusitana gente duuidoza
Por vorágem na vista foy julgada,
Via da Februa Caza temeroza
Mas o graõ Zárgo, a quem tinha guardada
Aqy a maõ insigne & poderosa,
Outra Caza magnifica em augmento
Da neuôa teue mais conhescimento.

E chamando de parte a Iãm de Amores
Lhe disse, se na vista nam me engano
De alguã terra incognita os vapores
Nos mostra aquelle vulto do Oçéano,
Que ser do Erebo o çitio, & seus ardores,
Ou voragem, que chama o vulgo infano,
Hé fabula, pois sempre o Ser Eterno
As sombras occultou do escuro Inferno.

⁵⁴ *Idem, ibidem*, pp. 117-118.

Se guardada tem Deos, por marauilha
 Alguã terra, ou ilha, ally deserta
 Dos Anglos será esta, a fresca Ilha
 Do aruoredo altissimo cuberta,
 A cuja densidade mais se humilha,
 Neuóa que sempre nelle hé cousa çerta;
 Se a fazeis na altura donde estamos,
 Esta he sem falta a terra que buscamos.” (III, 60-62)⁵⁵

Contudo, na noite anterior à partida dos navios para a região onde supostamente a Ilha viria a encontrar-se, os marinheiros mergulham no sono e sonham com as paisagens que esperam encontrar, projectando no plano do onírico as suas expectativas:

“De hum Iardim q em fragança, & frescas flores
 As glorias honra de Fauonio, & Flora
 Dando a Pomána os fructos cujas cores
 Com graça illustraõ na manhaã a Aurora,
 Onde alegres derramaõ seus fauores
 O liure Baccho, & Ceres lauradora,
 Com que Amalthea desterrando inopia,
 Mostra na ponta de Achelão a copia,

Donde hé do campo a tapissaria
 Gramma agradauel, com mil flores varias,
 Mais riqua que a que Arachne se tessia,
 Contra Minerua, quando mais contrarias
 Vió, que huma Nympha bella só sahía.
 Graças em sy mostrando extraordinarias,
 Mal traçado o cabelo de ouro fino
 Com ár, & parecer, quasi diuino.

O vestido de flores semêado
 Entre frescurea, & agoas diuidido,
 De jasmíns, & de rozas o toucado,
 Com aljofres, & perolas tecido,
 O peito descobria tam neuado
 Por hum Zandal, que a neué tem vençido,
 Que se pasmàra a mesma natureza,
 Admirada de ver tanta belleza.” (III, 82-84)⁵⁶

⁵⁵ *Idem, ibidem*, p. 119.

⁵⁶ *Idem, ibidem*, pp. 126-127.

Nessa atmosfera, surge então a alegoria da Madeira, que se dirige a Zarco e o exorta a nada temer, com a promessa de nela encontrar um novo Paraíso. Mediante esta estratégia, Manuel Tomás procura conjugar diferentes tipos de paisagens, caleidoscopicamente, de modo a proporcionar o deleite ao leitor, sentido mediante a leitura de um poema centrado numa realidade natural por demais deslumbrante.

“A Ilha sou famosa, que buscando
 Com famma vás, no Mâr caminho abrindo,
 Que a gloria estou de ty alta esperando
 Que a famma leuará do Tejo, ao Indo.
 Guiádo vens do Céo, porque augmentando
 O que vão seus Astros influindo,
 Com nouo nome me farás gloriosa,
 E à esse Atlante ouuida por famosa.

[...] Que este lugar que agora alegre pizo
 Depois que o mundo foy por Deos criado
 Em deleites segundo Paraízo,
 Com gloria para ty, foi rezeruado [...].

Se a Impudica May do vil Cuydo
 Se preza em ter por Patria deleitoza
 A Chypre, & ser honrada em Papho, & Gnido
 E lá na Amatha riqua & populoza,
 Não Marte em mim verá, de Amor vençido,
 Mas tú, que o es, em fama gloriosa,
 Pois mais que estas, insigne Lusitano
 Me hás de fazer famosa, no Oçeano.

[...] E posto que do bem, que se dezeja
 E que trás por cuidado o pensamento,
 Tal vez procede o sono, hé bem se veja
 A cifra em mim, de teu ditozo intento,
 Que por honrar a Militante Igreja,
 Quem tantas lúzes déu ao Firmamento,
 Com este, por fauor te manda auizo,
 Deste nouo, & oculto Paraízo.” (III, 92, 95, 97 e 100)⁵⁷

Com a chegada dos navegadores à Ilha, seria uma suposta descrição realista que na ocasião se deveria esperar. No entanto, são os mesmos *topoi* que são utilizados e a Madeira “hum nouo Parayzo pareçia”(IV, 3, 8),

⁵⁷ *Idem, ibidem*, pp. 129, 130, 131 e 132.

repetindo-se os mesmo elementos: o arvoredo, as águas, os vales, a frescura dos locais, o clima primaveril...

“Postos em terra, a virão graçioza
Com aruoredos altos, & copados,
De leuantados montes copioza,
E em prados de esmeraldas dilatados;
Partia huma Ribeira deleitoza
Os çitios, em frescura accõmodados
E em doçes quédas quebros alternando
As agoas aos de Luzo, híaõ bríndando.

Ally o Estio alegre Primauéra
Lhes pintaua nos ramos, & nas flores,
E na lympha que clara não se altera,
Nem do Pai de Phaëtaõ sente os ardores,
A frescura do çitio entam pudera,
Com passarinhos Indios em as cores,
E com o alegre verde de seus prados
Competir cõ-os pensiles celebrados.

A via de seu carro já a Aurora
Puro aljofre nas flores derramádo,
Do preçioso licor que hé na tal hora,
Do crystal de seus olhos destillado,
A grama que no verde se melhora,
Fazia mais ameno o fresco prado,
Coróadas mostrando as clauellinas
De perolas que ally, saõ pedras finas.” (VI; 6-8)⁵⁸

A fauna não fica excluída do merecido tratamento poético, e insere-se na descrição, mas às aves misturam-se as ninfas dos prados e das árvores, numa simbiose plena entre o plano da natureza e do maravilhoso, para maior deslumbramento do leitor e glorificação dos espaços descobertos.

“As aues com Real rescebimento
Moduláraõ mil versos alternados,
Dos pontos suspendendo o pensamento,
Os seus graues, & agúdos leuantados;
Iugaua com as folhas manso o Vento,
Por responderlhe, a Chóros consertados,
Sendo entam, por mandarlho, Cloris bella,
Fauonio alegre, o Mestre da capella.

⁵⁸ *Idem, ibidem*, p. 146.

A Noua Terra em gozo lhes mostraua,
Riquos os prados de esmeraldas finas,
Que no gramineo esmalte matizaua,
De diferentes heruas, & boninas;
A Ribeira por pedras despenhaua
As puras frias Agoas crystalinas,
Que as Aues inçitauaõ pos cantoras,
Como do çitio alegres moradoras.

Dos montes as Oréades desceraõ
Do sempre verde louro corôadas,
Com capellas, que ós Luzos offereçeraõ
A immortalidade consagradas,
As Henides nos prados compuzeraõ,
As estanças mais frescas, & apartadas,
As Hamadryas de aruores cortaraõ,
Os ramos, com que os çitios se enramaraõ.

As Limniades bellas da espessura,
Lhes mostraraõ reguados os verdores,
Com a lympha que entam por fresca, & pura
Pedia feita aljofre, mil louuores,
As Dryas, com não vista fermozeria,
Com as Napaeas derramando flores,
Nouos chóros, & danças compuzeraõ,
Com que os Luzos contentes resceberaõ.

Ofreçeraõlhe as fontes a harmonia
Que a seus ouuidos era entam mais grata,
Em çitras de crystal, sendo alegria,
O sóm, que em finas cordas daõ de prata,
O Sol, por entre os ramos pareçia,
Que as folhas de rubi varias dezata,
Por delle, & de esmeraldas ter o prado,
Com tam varia belleza alcatifado.” (IV, 16-20)⁵⁹

E, seguindo a mesma ordem, ao reino animal segue-se o vegetal e introduz-se a enumeração das espécies florestais existentes, numa tal profusão, que o leitor fica com a impressão de se encontrar no meio de bosques em nada inferiores àqueles conhecidos através das composições poéticas da tradição bucólica:

“Verdes, pyramidais, & leuaantados
Os Cedros com estranha fermozeria,

⁵⁹ *Idem, ibidem*, pp. 149-150.

Outro Libano fazem, os frescos prados,
Ao Ceo cōmunicando a fresca altura,
Que a ser huãs as cores, ajuntados
Mostraraõ nelle, sua compostura,
Sendo pedassos seus, mas porque vença
Do verde, o Ceo, co'a azul fas differença.

Adornados com mais graça os outeiros
Dos altos Tis se Viaõ reuestidos,
De Fayas, Barbuzanos, & Loureiros,
Do louro Apollo amados, & queridos,
Tessiaõ mil enredos, os Cinçeiros,
Abraçando os Vinhãtegos compridos,
Por mostrar na Ribeira, clara, & pura,
Tessida em mais enredos, mais frescura.

Flora nas bellas flores pintou rayos
Com que Gocomas claro, adorna o dia,
Em cada hum mostrando frescos Mayos,
E Abris que vertem gozo, & alegria
O Cancro retrogrãdo com emsayos,
Mayor prazer nas Plantas descubria,
Por mostrar o fauor com que Amalthea
Por elle, a noua Ilha afermozêa." (IV, 21-23)⁶⁰

Conservando os modelos clássicos como referência, a terra recém-descoberta é o *loecus amoenus*, a actualização dos jardins das Hespérides, o Éden reencontrado:

"Os ares regalados, & súaues,
Mostraõ ser Parayso a noua Terra,
Brandos, cortados, das pintadas Aues,
Com cujo canto, a pena se desterra,
Mostrou entam suas pinturas graues
O Sol nos Troncos altos, Valle & Serra,
Por dár a cada qual, com rayos de ouro
De nouo adorno, & graças, hum thesouro.

No campo madrugaraõ cobiçosas
As enuejozas Plantas, a enfeitarse,
Com Lirios royxos, com siluestres Rosas,
Que crãraõ à seus pés, por adornarse,
Iardim de varias heruas preçiosas

⁶⁰ *Idem, ibidem*, p. 151.

Pudera a bella estancia entam chamarse,
Que o Parque singular da Natureza,
Mais varia, não pintar pode a belleza.

O Iardim das Hesperidas famozo,
Dos antigos Poëtas fabulado,
O de Adonis que menos venturozo
Em flor, pello adornar, foy transformado,
O de Cyro, ou Semyramis ditozo,
Por milagre do mundo diulgado,
Artifícios gozaraõ curiosos,
Mas neste, a Natureza os pôs famosos." (IV, 24-26)⁶¹

Ou então é a nova Idade do Ouro que amansa os animais selvagens e, como que por milagre, os põe ao alcance da mão, quando não mesmo são eles próprios que vêm ao encontro do homem:

"[...] Só passarinhos manssos, & pintados
Que no Valle Ribeira, & Fresquas fontes,
Não vzados, ao trato dos humanos
Se deixauão tomar, dos Luzitanos.

Florida idade vé que lhe promete
Por largos lustros, por indiçaõ larga,
Sendo tudo, hum finissimo tapete
De cujas flores, só o Céu se encarga,
Da rica Flora o fresco ramalhete,
Em duração conhesçe que se alarga,
Sem do gelo temer verse offendido,
Antes dár mais o Inuerno floresçido." (IV, 42 e 44)⁶²

Numa constante aventura, a exploração da Ilha conduz os marinheiros ao reencontro das paisagens antes apenas sonhadas. O Capitão não se furta a essa experiência e, recordando a sua missão, recolhe provas das maravilhas encontradas, a fim de as apresentar ao Infante, no seu regresso.

"Tam pura, saluberrima, & tam fria
Se vio, que huma vazilha foy guardada,
Para ser com o mais, em melhor dia
Ao grande Infante Henrique apresentada.

⁶¹ *Idem, ibidem*, p. 152.

⁶² *Idem, ibidem*, p. 158.

Trás disto torna a Luza Companhia
Correndo a Costa, & vió numa ensêada
De hum verde prado, á vista entam sombrio
Hum Ribeiro emmanar, corrente, & frio.

Aquy sahío o Zàrgo acompanhado,
Contente da aparência, dos verdores,
Iulgando por grandeza a que no prado
Se via alegre, nas pintadas flores,
Foy cõ'os Pensiles hortos comparado
E cõ'os iardins Bibleos, porque em cores,
Mostraua com esmalte, & com belleza
Ser o mesmo pinzel da Natureza.

O ribeiro com agoa aljofarada,
Os rescebeo em vistas peregrinas,
A margem descobrindo corôada
De Viólas lasintos, & Boninas,
Nelle quebrando a agoa despenhada,
Formaua outras mil fontes crystallinas,
Mostrando, a que estas punha em tanto augmento
Ao pée de hum grande seixo, o nasçimento." (IV, 59-60)⁶³

Por outro lado, o seu sentido prático e visão estratégica, leva-o em simultâneo a reconhecer o local ideal para a construção de uma futura cidade, cantando-se, oportunamente, a fundação do Funchal:

"Perto daquy hum valle mais fermoço,
Se vió do Mar à todos descuberto
De àruoredado gentil, bello, & frondoso
Que de alto Funcho tinha o pée cuberto;
Este chegaua ao Már por copioso,
E diuididas em melhor conserto,
Tres famozas Ribeiras caudalozas
Bellas á vista, ó valle proueitozas.

De humas serras altissimas descendo,
O fresco valle alegres vem regando,
As Plantas com verdor enriquecendo,
E seus vegetatiuos augmentando;
Tanto que estáa mil glorias prometendo,
E com grandeza os fructos conuidando,
Com nectar esperando, ter iactança,
E ser de Baccho, & Ceres a abundança.

⁶³ *Idem, ibidem*, pp. 163-164.

Hum Til aquy se achou de tal grandeza,
Que abraçaua com ramas estendidas,
Duas Ribeiras, sendo na belleza
Da terra largo espasso diuididas,
De suas frescas ramas a largueza,
A Geometricos passos reduzidas,
Mil passos largamente se contauaõ
Na dilatada estancia que alcansauaõ.

Muitos cedros aquy tambem se acharaõ,
Entre outras varias aruores frondozas,
De cuja lenha entam se aproueitarãõ,
Com agoa das Ribeiras caudalozas,
As maõs pera çear, àues tomaraõ,
Que sem temer cautelas enganozas,
Versos trinando, com mil paúsas ledas
Admiradas de os ver, se estauaõ quedas.

No cabo deste valle deleitoza,
(do Funchal, pello funcho entam chamado)
Dous Ilhéos tem Neréo, que em mais fermoço
Remansso, mostra o Màr, ter sossegado.
A hum destes o Zàrgo valeroço,
Com o Bando Português encaminhado,
Mandou que em terra as àues se guizassem
Porque com ellas refeição tomassem." (IV, 73-77)⁶⁴

Episodicamente, justapõe-se, então, o sucesso da sua entrada na câmara dos lobos marinhos, justificando, deste modo, a mudança do sobrenome do Capitão e estabelecendo uma estreita aliança entre a sua família e o território da Ilha.

"Dentro de seus penedos escondidos,
Que com as próas dos bateis entraraõ
Do gado de Protéo, Lobos dormidos
Quantidade na Camara encontraraõ;
Os mais de graue sono suspendidos,
Com as cabeças fóra d'agoa acharaõ,
Natural com que o sono melhor domaõ
Pois respirando, alento, & vida tomaõ.

Dentro da grúttá opacca, outros acharaõ
Pellos duros seixinhos recostados,

⁶⁴ *Idem, ibidem*, pp. 168-169.

De que aos Luzos logo alguns juguaraõ,
Vendose de repente saltéados;
Das patinhas que tem, se aproueitaraõ,
Os que faltos de acordo, & descuidados,
Naõ puderaõ na fuga achar guarida,
Para saluar no Már, nadando a vida." (IV, 90-91)⁶⁵

Depois, aventurando-se mais pela espessura do arvoredado, Zarco apercebe-se progressivamente da mudança do ambiente natural, do crescente requinte da paisagem, qual jardim palaciano e, gradualmente, ingressa num universo onde a dimensão do maravilhoso faz evocar os jardins de Armida da *Liberata*, de Tasso:

"Sahído pois, sem ter nisto aduersario
Que impedisse seu nouo pensamento
Se embrenhou por hum bosque solitario,
Em quem musica só formaua o vento,
E em hum Ribeiro de que o Teucro Aquario
Vérter pudera entam seu Elemento,
Admirado parou, vendo a belleza
Graçiosa em arte mais, que em Natureza.

E notando das agoas crystallinas
Os quebros, enredados curiosos
Que ally regando vaõ varias boninas
Em repartidos quadros engenhozos,
Arcos formados de esmeraldas finas,
Com os ramos das aruores frondozos,
Iulgou ser o artificio mais que humano,
Ou por de algum Ministro Soberano." (IV, 99-100)⁶⁶

E a oportunidade oferece-se para a enumeração exaustiva das flores cultivadas ou espontâneas, não deixando de se referir o respectivo significado ou valor simbólico, como, aliás, era tão apreciado ao tempo:

"Varios quadros de flores peregrinas,
Esmaltaõ do Terreno, a bella estancia,
Em que as brancas Ceçens puras, & finas
Tem o lugar primeiro na iactancia;
A fresca Roza, as flores Hyacintinas

⁶⁵ *Idem, ibidem*, p. 174.

⁶⁶ *Idem, ibidem*, p. 177.

Com gemidos de Apollo, entre fragança
Narçissos em philáuçia escarmentados
Os cardéos, Lirios, & os Iasmins neuados.

Ally Mosquéas mostraõ dos cuidados
A causa dilatada na lembrança,
E com ella a Retama pellos quadros
O lugar que entre flores mil, alcanssa,
Os Crauos dâm, de cores variados
Com affeição, reção, & confiança;
Os Goyuos amarelos, pensamentos,
E os royxos pera tristes, sentimentos.

A Hortelã descobre a crueldade,
Com quem offende sempre amor inçerto,
Em seu bem o Ensayaõ nesçessidade,
A Múrta dor, paixaõ, pena, ou aperto,
Prezunçaõ a françeza com verdade,
O Treuo sér, a Arruda desconcerto,
A Serpentina descontentamento,
E os Malmequeres iusto sentimento.

Herua Cidreira ally mostra esperança,
A Hortelã do Rio comprimento,
Salua rezaõ, Borrages esquiuança,
Féo a Losna o aborreçimento,
Mostra o Cardo o tormento que se alcança,
O Almeiraõ o certo enfadamento,
Alecrim opiniaõ, & a Mangerona
O prazer, com que Amor sempre se abona.

Não falta ally a Caltha, flor Romana,
Calido Thymo, com o frio Acantho
A Bacara que o olhado dezengana;
E em mattas sempre viuo o Amarantho;
O Rosmarinho com a flor vfana,
Negro o vaçino, sem que cause espanto
Por Rey o Melioto corõado,
Funcho assafraõ & e o Bredo namorado.

Entre o verdozo esmalte estaõ cheirosas
As Viólas, o prado alcantifando,
E de seu sangue as Chagas naõ queixosas,
Como à Héra nas aruores trepando,
Os Papagayos com artificiosas

Grandezas, ao pincel desenganando,
 Dos verdes o Beluerde, mais triumphante
 E por amor com o Sol, Cliçia Gigante.

O Cítio mostra que a Fauonio, & Flora,
 Serue de propria gloria, & de morada
 Sobre quem graças véрте, a fresca Aurora
 Em a libré do campo variada,
 A muzica das Aues, por sonôra
 A das Musas paresse concertada,
 Parayso de deleites, o Terreno,
 Com Ar, & Ceo, mais puro, & mais sereno." (IV, 104-110)⁶⁷

Zarco progride, assim, pelo espaço fantástico que circunda o Templo do Tempo, onde lhe é feita a profecia das gerações futuras e dos grandes feitos por elas praticados. Não serão desprezadas entre essas acções o fomento da agricultura e a introdução de novas plantas que vêm diversificar a flora insular, ao mesmo tempo que proporcionam novas fontes de riqueza:

"Em Iardins, & Pomares cultiuados,
 De Chloris vencerá toda a frescura,
 Sendo os vérdores seus, melhor regados
 Da fermoza Ribeira, fresca, & pura;
 Sempre terá qual Amalthea os prados
 Augmentando nos fructos a ventura,
 A todos parecendo em seus ensayos
 Já floridos Abris, já frescos Mayos.

[...] O generoso Infante que procura,
 Fazer a noua Terra mais famoza,
 Por Cannas mandarà pera a cultura
 A Ilha de Siçilia venturosa,
 Cannas, que o riquo Açucar com doçura
 Darám, que sendo Ambrozia preçiosa
 Será por sér do Mundo a mais prezada,
 De Iupiter, & Iuno dezejada.

[...] O louro trigo em que será abundante,
 Pera àuer, nos princípios de gastarse,
 Pera vós mesmos, por Henrique Infante

⁶⁷ *Idem, ibidem*, pp. 178-180.

De quatro, a oito Reis, fará comprarse,
 Nella despois Lyæo sendo triumphante,
 Virà, dos fructos seus, a melhorarse,
 Cobrando na bondade tal iactança,
 Como gloriosa fama na ábundança.[...]

[...] Suas frescas Ribeiras, de agoas claras,
 Farám fertís, séus Campos deleitosos,
 Verdes séus valles, suas vistas raras,
 Pellos montes, & prados espaçosos,
 Responderlhe hám as terras nada aduaras,
 Com os fructos oppimos, & fremozos,
 No Campo acrescentando Valle, & Serra
 Salubridade o Ar á fresca Terra." (V, 54, 114, 120 e 125)⁶⁸

Nesse arrebatamento que a exposição do futuro permite, a visão da própria Ilha altera-se, de acordo com o assunto tratado, muito particularmente quando o tema celebrado é o Amor e o himeneu dos seus descendentes. A imagem da Madeira transfigura-se e transforma-se, pois, em suave cenário de acontecimentos nupciais:

"Porque me canso em dilatar louuores
 Do poder, com que em tantos predominas?
 Quando só teu Iardim leua por flores,
 As que se tem do Mundo por boninas,
 No canto com que encantaõ téus amores,
 Nos mostras claramente, & nos ensinás,
 Que naõ só aos Mortais vás dominando,
 Mas ás àues, que os àres vám cortando." (VII, 6)⁶⁹

Algo de semelhante se verifica, quando, no canto VIII, se canta a vida, a morte e os milagres do Beato Fr. Pedro da Guarda: também aí a paisagem se deixa contaminar pelo halo de espiritualidade adequado ao episódio:

"Ditoso Valle, Campos venturosos,
 Que por tanta humildade, tal grandeza
 Com Pedro gozareis sempre ditozos,
 Nos dões das flores, fructos, & belleza,
 Só vossos frescos prados deleitosos
 Por Pedro alcansarám tanta riqueza,
 Que mais aqui, que os mais auantejados
 Sereis por Elle, sempre celebrados.

⁶⁸ *Idem, ibidem*, pp. 206, 226, 228 e 229.

⁶⁹ *Idem, ibidem*, p. 286.

A Fragrança que for entam saindo
De seu Cadauer Sancto, & Venturoso,
As da riqua Sabá, do Arabio, & Indo
Abaterá com cheiro preçiozo;
O do Persico Nardo, não sentindo
Vençerá com odor mais vigorozo,
E as Seluas da Thurifera Panchaya,
Com quantas goza Idaspes em a praya.” (VIII, 88-89)⁷⁰

E o milagre das cerejas insere-se com naturalidade no discurso poético, quer pela beleza do assunto, quer pela conformidade com a atmosfera em que se enquadra:

“Do subsolano aqui nota abrasadas
Estas àruores altas, & frondozas,
Com as Serejas verdes, ja queimadas,
E sem verdor, as folhas copiosas;
Que da Terra do Sancto russiadas,
Cobraõ nouo verdor, & ellas, fermosas
Cores, com quem Pomona illustra, à Flora,
Enueja dando, à Rubicunda Aurora.” (VIII, 105)⁷¹

Por conseguinte, ao concluir o seu discurso a Zarco, a alegoria do Tempo recapitula e resume as bênçãos futuras da Ilha e confirma a abundância e a prosperidade dos séculos vindouros, sob a protecção da Divina Providência:

“Ha! Ilha da Madeira venturosa,
Mil vezes por tal Sancto engrandesçida
Se de antes nomeada por famoza,
Agora mais que todas conhesçida;
Em flores como Samo copiosa,
Por fructos ás mayores preferida,
Párque felix em quem a Natureza,
Cifrou de seu poder, toda a belleza.

Naõ duuides de verte auantejada,
Em merçes do Céu riqua por fauores,
No culto, & Religiaõ, sempre illustrada
Do mesmo Céu, com claros resplandores,

⁷⁰ *Idem, ibidem*, p. 364.

⁷¹ *Idem, ibidem*, p. 370.

Com quem serás na Fée tam realçada,
Que mostrarám teus riquos Moradores,
Seres no Már de Atlante, ô Fresca Ilha!
Tú só do Mundo Octaua Marauilha!

Por deposito tal, contino honrados
Serám de mil Naçoes teus altos Montes,
Riquos teus Valles, Soutos, Veigas, Prados,
Cidades, Villas, Campos, & Horizontes;
Feliçes gozaras Tempos dourados,
E pellas copias do crystal das fontes
Abundância taõ riqua em teus àuères,
Que seleiro serão de Bacho, & Ceres.” (VIII, 122-124)⁷²

Em paralelo com o modo como antes ocorre a transfiguração do espaço nas cercanias do Templo do Tempo, do mesmo modo se transfigura o ambiente marinho à volta da embarcação, após o regresso de Zarco à caravela: o maravilho preenche o espaço do real e criam-se as condições para nova profecia, desta vez a cargo de Proteu, centrada agora nos feitos dos mais Capitães e Prelados do Funchal.

“Ao sahír da Camara Famoza
Que nome déu ao Capitaõ triumphante
Huma dança de Phocas curiosa,
Se pôs aos leues barcos por diante,
Com mostras de alegria milagrosa,
Fazendo lhes Tritaõ nouo hum descante,
Que lhes mostraua no contentamento,
A vassalagem do descobrimento.

Com encantos de amor, cantos suaves
Ouuiráõ ally cantar, gratas Seréas,
E dançar os Delphins, mudanças graues
Leuando nas voltas as arêas;
Sahíam lhes da Costa varias Aues,
E do centro dos Máres, as Baleas,
O Ambre reuoluiaõ, por iactância,
De nelles lhes mostrar mayor fragança.

Mil Nereydas fermozas corôadas,
Dos frescos Cedros que ao Már chegauaõ,
De Zendaes prateados adornadas
Com alegria os barcos rodeauaõ,

⁷² *Idem, ibidem*, pp. 375-376.

Com as marinhas voltas consertadas,
A Ventura do Zárgo celebrauã,
Dignos, & altos lououres repetindo,
Do Nome que lhe vem ir adquerindo.” (IX, 4-6)⁷³

É também ao deus marinho que cabe fazer a recapitulação das potencialidades da Ilha, a glorificação das belezas naturais e do contributo do esforço humano para, do sonho de uma Ilha, se fazer uma Ilha de sonho:

“[...] Da Ilha mostrarei neste, à belleza,
E em numerozo assento engrandescida
A gloria, com que augmenta em excellências,
Por do Céu Almo, ter sempre afluenças.[...]”

O mais nobre do Céu, por influencia
Terá, de seus faoures visitado;
O melhor do Terrestre na afluença;
Do Ar o que hé mais tranquillo, & sem violencia;
Do fructo o que hé melhor, & mais granado;
Dos Bosques o mais verde, & mais ameno,
E em tudo fertil sempre à seu Terreno.

Das flores as fraganças mais suaues,
E em toda à hora, como matutinas;
No Canto o apraziuel mais das Aues;
Da vida & da saude, as mais benignas;
As purezas das fontes menos graues,
Porque as nitidas agoas crystallinas,
Por claras, puras, frias, & delgadas,
Seraõ de toda a Europa, as mais prezadas.

Terá dos Naturaës temperamentos
Os que são por mais salubres julgados,
Nem aspereza muita pellos ventos,
Nem por calores tempos alterados,
Por taõ amigos, tendo os Elementos,
Em tudo, seus Engenhos delicados
Que nas Letras, serám sempre os melhores,
E nas Armas, os mais conquistadores.” (X, 3 e 9-11)⁷⁴

⁷³ *Idem, ibidem*, pp. 379-380.

⁷⁴ *Idem, ibidem*, pp. 448 e 450.

A coroar esse processo, anuncia-se que o Funchal se tornará um centro de cultura e espiritualidade:

“Pode bem dignamente ser chamado
Com gloria, Campo Elysio, na alegria,
Que o paragão ás Muzas consagrado
Nos montes Pindo, & no Parnaso cria,
Aonde da sciência o regalado
Nectar, Apollo verta, & Ambrozia
Que à seus Incolas Nobres com espanto,
Augmente das Pierides o canto.

Em o diuino culto realçada,
A Ilha será Roma engrandescida,
Por alto bem da Religiaõ sagrada
Com gloria à mil Prouinças preferida;
Da Fée sobre a gram Baze sustentada,
Com çerteza Euangelica regida,
Mostrará por amor puro, o desuelo,
No claustral Paraíso de seu zelo.

Na fabrica dos Templos sumptuosos,
Adornos graues, riquos sanctuarios,
Altas naues, Altares magestosos,
Reliquias sanctas, beñs de seus Erarios;
Nos ornamentos riquos, & custosos,
Que de campos, Iardiñs, & prados varios
Imitando das flores a belleza,
Adirarám com arte, à Natureza.” (X, 15-17)⁷⁵

E a urbe floresce em população, força, nobreza, sabedoria e opulência, acabando por consolidar a ideia de um novo Paraíso, da harmonia da Cidade de Deus com a cidade dos Homens à superfície da Terra. Em suma, é o sonho de uma sociedade que se alimenta e as potencialidades da utopia humanista que ainda se projecta no canto épico do Barroco:

“Mas tornando à Cidade leuantada
Que já por populosa se ennobresse
Com urbanas grandezas illustrada
Verás que dignamente resplandesce;
De quatro Fortalezas coróada,
Que por moradas à Bellóna offresçe,

⁷⁵ *Idem, ibidem*, p. 452.

Acompanhadas mais de hum Muro forte
Contra os nauaes conflictos de Mauorte.

[...] Será a Cidade Insigne, & Magestosa,
May de Nobreza Illustre, & Fidalguia,
Por altas descendencias Generosa,
Aula Real de altiua cortezia;
Na belleza das Damas, milagrosa,
Em vista, Agrado, Graça, & Políçia,
Com filhos grandiosos em mil partes
Phæbos em Corte, em à Miliçia Martes.

[...] Será de seus letrados a agudeza
Taõ alta, taõ subida, & taõ preclara,
Que Athenas à fará, pella grandeza,
De seus engenhos viuos, & lux clara;
Altiua na sciência, que mais preza,
Aquem nunca à virtude desempara,
Porque quando hé perfeita, Sancta, & pura,
Mais grandezas ás letras assegura.

[...] De bellas flores, tal em abundância,
Será, que mal admita competencia,
Posto que Samo dellas com iactancia,
Pretenda ter por florida eminencia;
Porque com ser suaues na flagrançia,
Será dellas taõ riqua na opulencia,
Que se conheça ser, com iusto auizo,
Párque Felix, Terreno Paraizo.” (X, 56, 62, 65 e 103)⁷⁶

Quando a *Zargueida*, de Francisco de Paula Medina e Vasconcelos, é publicada, cerca de 170 anos depois da *Insulana*, os tempos eram outros. O gosto e os padrões estéticos e literários tinham-se alterado profundamente e, apesar de ambas as epopeias abordarem a mesma matéria épica, o certo é que se distinguem também quanto ao modo de tratamento do espaço. É flagrante desde logo, no plano do maravilhoso, o conflito pelo domínio da Ilha entre Pã, apoiado pelos Sátiros e Silvanos, e Baco, correspondente simbólico da contínua luta entre o denso arvoredado e a plantação da vinha.

Por outro lado, a adjectivação utilizada ao longo do poema, por mais variada que surja, acaba por convergir nos traços já anteriormente apontados. É sempre a “grande Ilha”, a “grande Ilha solitária”, a “grande Ínsula”, a

⁷⁶ *Idem, ibidem*, pp. 465, 467, 468 e 481.

“fértil Ilha”, a “fértil Ilha de venturas chea”, a “verde fértil Ilha”, a “fértil Ilha da Madeira”, a “fértil Ilha amena”, a “grande Ilha fértil e frondosa”, a “frondosa Madeira”, a “Ilha aprazível”, a “gentil Ilha”, a “estimável Ilha”, a “gentil Ilha inabitada”, a “Ilha amena e bela”, a “flamífera Ilha”, a “grande Ilha [...] gentil e pura, coberta de frondosa vestidura” ou o “Jardim onde floresce / A videira melhor e mais selecta, / Que do Mundo nas terras apparece”, numa evidente incapacidade de renovação.

Por outro lado, devido ao facto de se ter tornado sensível uma manifesta crise no género e o P.^o José Agostinho de Macedo se esforçar por revitalizar a epopeia mediante diferentes propostas, Francisco de Paula Medina e Vasconcelos tenta também introduzir algumas inovações, cedendo sobretudo ao gosto da época e a modas literárias que, ao tempo, se divulgam pela Europa, já anunciando os alvares do Romantismo.

Abrindo o poema com um concílio dos deuses, de ascendência camoniana, fica determinado que os Portugueses encontrem uma ilha aprazível no meio do Atlântico, a fim de nela se refrescarem e repousarem noutras viagens de mais longo curso. O tópico da ilha encoberta volta a ser tratado, sem, no entanto, dele se tirar qualquer efeito poético mais sugestivo:

[...] Ilha Grande appareça, que aprazível
Por Nobres Portuguezes habitada,
Em serena bahia, em ponto amigo
Lhes possa dar refresco, e doce abrigo.

Em grossos nevoeiros escondida
Dentre Atlanticas ondas se levanta
Fertil Ilha, que d’arvores vestida
Inda ha pouco pizára humana planta:
Sua frondosa coma ao ar erguida
Dos Planetas a Luz nunca abrilhanta;
He tão densa, e pezada a nevoa crassa,
Que hum só raio do Sol nunca a traspassa.

Assim lá desde a criação do Mundo
Aos olhos dos Mortaes occulta existe,
Bem como nas entranhas do Profundo,
Pois que entre nuvens horridas persiste;
Ainda que hum successo sem segundo
Ja nella aconteceo tragico, e triste,
Com tudo inda as Nações não sabem della,
A pezar de ser grande, amena, e bella.
[...] Nella então lá nos Seculos futuros

Acharão as Nações meiga hospedagem:
Seus ares salutíferos, e puros
Bafejados serão de doce aragem:
D'alli, d'alli seus Lenhos mais seguros,
Mais contentes, rendendo-lhe homenagem,
Soltando as vélas concavas ao vento
Irão prenhes sulcando o salso argento." (I, 18-20 e 23)⁷⁷

A ideia de um lugar onde a paisagem ainda surja na sua pureza original, não conspurcada pelo contacto humano, fascina o poeta – e certamente os leitores –, remetendo significativamente para uma abordagem rousseauiana da natureza.

De modo paralelo, a lenda de Machim volta a ser aproveitada. O tratamento da Ilha neste caso, embora também se paute pelo deleite estético do espectáculo da natureza, impõe-se mais pelo fascínio da possibilidade do contacto do homem com uma terra pura, uma terra que carecia, inclusivamente, da espontânea ferocidade animal.

"Aparece, e bem perto, coroada
De nuvens huma Terra florecente,
E aonde ella fazia huma enseada,
Mandou ferro lançar Machim Contente:
Saibamos se esta Terra he habitada
(Disse Machim) de Feras, ou de gente:
Quem acaba de naufraga fadiga,
Deseja ter descanço em Terra amiga.

[...] Embrenhados por arvores sombrias
Descobrimos d'hum lado, e d'outro lado
Muitos frutos agrestes, fontes frias,
E hum clima puro, ameno, e temperado:
Levantadas incultas serranias
Cobertas de Arvoredo apinhoado
Mais distantes as frentes escondião
Entre nuvens pezadas, que as cobrião.

Nem pizadas humanas, nem ferinas
Encontramos alli: ricos presentes
De agrestes frutos, aguas crystallinas
Quizemos a Machim levar Contentes[...]. (II, 31 e 34-35)⁷⁸

⁷⁷ Francisco de Paula Medina e Vasconcelos, *Zargueida. Descobrimento da Ilha da Madeira, loc. cit.*, pp. 7-8 e 9.

No entanto, se confrontarmos o tratamento da acção e do espaço com o do poema anterior, não é surpresa verificar que, na *Zargueida*, adquire maiores proporções e mais relevo significativo o gosto pela paisagem nocturna e tempestuosa, comprazendo-se o poeta nos por-menores e detendo-se na descrição com outro deleite:

"Oh! Que Scena d'horror!... a Natureza
Sobre a Terra estendeo, só por não vèlla,
Nuvem de estupendissima grandeza
Em partes negra, em partes amarella!
Tão grande nunca vio a Redondeza!
Sim a Terra gemeo co' o pezo della!...
E nós em suas sombras envolvidos
Andámos huns co' os outros confundidos." (II, 45)⁷⁹

Quando a esses ingredientes se conjuga o pranto pela morte de Ana de Arfet, o discurso poético alcança até a dimensão do patético:

"Veste-te, ó Noite, veste-te de luto,
E espalha sobre mim trevas escuras,
Que a Dôr abafem, com que triste luto
Entalado entre as feras Amarguras:
Em quanto minhas lagrimas tributo
Da minha Cara Harfet ás cinzas puras,
Para que minhas lagrimas não visse,
Quizera, que do Dia a Luz fugisse." (II, 64)⁸⁰

E a preferência pela paisagem nocturna faz mesmo com que, no canto IX, nova descrição surja, desta vez, em contraponto. Límpida e estrelada, a noite permite agora ao Homem a contemplação do firmamento e o deleite do indivíduo perante a grandiosidade do universo:

"Nunca tão estrelada, e tão serena
Regeo a Noite o taciturno Imperio!
Nunca mais linda, mais brilhante scena
Apareceo no Lúcido Hemisferio!
Clara se distinguia a Terra amena,
Figurando-se bem no Espelho etherio,

⁷⁸ *Idem, ibidem*, pp. 39 e 40-41.

⁷⁹ *Idem, ibidem*, p. 44.

⁸⁰ *Idem, ibidem*, p. 50.

E os Lusos em dulcisonos Cantares
Suspendião os Astros, Ventos, Mares." (IX, 48)⁸¹

E, a esse, outros padrões estético-literários se justapõem, por vezes com uma evidência irrefutável. A paisagem agreste em que os Sátiros e Silvanos se movimentam mais parece um cenário de um drama lírico, que não exclui o gosto pelo sublime ou pelo pitoresco, a anunciar a majestade das paisagens românticas:

"D'hum lado, e doutro lado estão rochedos
Pendurados alli de immensa altura,
Cobertos de Silvestres arvoredos,
Que espalhão huma sombra sempre escura:
Alli por entre desiguaes penedos
Em grossos borbulhões limpida, e pura,
Tombando d'alto cahe da gruta perto
Agoa sempre em confuso desconcerto." (III, 41)⁸²

Os espaços das profundidades marítimas obedecem necessariamente aos mesmos critérios, distanciando-se do modelo barroco evidenciado na *Insulana*. Agora privilegia-se o grandioso natural, em vez do belo artificial:

"Depois de lhe mostrar as excellentes
Bellezas naturaes, que a Baccho enleão,
Passa a mostrar-lhe os campos transparentes,
Que os gados escamigeros vagueão:
Campinas, valles, montes differentes
Co'as Divindades humidas rodeão,
Té que vão dar nas cruas cavernosas,
Que habitão Tempestades procellosas.

Bem como nos ergastulos immundos,
Em que Feras os Principes encerrão,
Leões sanhudos, Ursos furibundos
D'hum lado fremem, d'outro lado berrão;
Assim tambem nos carceres profundos
As tempestades, que ás prizões se afferrão,
E a cujo movimento os mares tremem,
D'hum lado berrão, d'outro lado fremem." (III, 71-72)⁸³

⁸¹ *Idem, ibidem*, p. 227.

⁸² *Idem, ibidem*, p. 75.

E a crença no poder da ciência, a confiança no progresso, a esperança na felicidade social traduzem-se na imagem de audácia que um povo pode demonstrar, mediante o desenvolvimento da agricultura, tornando-a a chave para a resolução de todos os problemas sociais:

"Cedo verás romper da Terra o seio
O ferreo dente do robusto arado,
E o forte Agricultor d'espr'anças cheio
Tornar o Bosque em Campo semeado:
Cedo verás por meu maior recreio
O duro Camponez de fouce armado
Podar as parras, que darão fecundos
Racimos aureos, outros rubicundos." (V, 15)⁸⁴

Tal facto, porém, não exclui o fascínio pela paisagem primaveril, ao gosto arcádico, que se coaduna de modo tão eficaz com a descrição da paisagem madeirense:

"Na florida Estação pelas Campinas
Verás, ó Thioneo, com vistas claras
Bordadas de papoilas, e boninas,
As pullulantes trêmulas searas:
Verás aqui mil flores peregrinas;
Verás mil producções em tudo raras;
Verás brotar de Flora os gratos mimos;
E das pampineas vides os racimos.

Em qualquer parte abrolharão das terras
Agoas mais puras, que o crystal nevado,
E até dos cimos das fragosas serras
Rolarão, imitando ao prateado:
Sem que temão aqui do Tempo as guerras,
Darão as plantas fruto sazonado
Mimoso no sabor; e na grandeza
Hum prodigio será da Natureza.

Cobertos de graminea vestidura
Estarão sempre os prados, e as florestas,
Onde Amores com graças de mistura
Passarão por prazer as molles sestas:

⁸³ *Idem, ibidem*, p. 85.

⁸⁴ *Idem, ibidem*, p. 120.

Sempre frondentes firmes na verdura,
Erguerão muitas árvores as testas,
Promettendo huma eterna Primavera
Semelhante á da flórida Cithera.” (V, 23-25)⁸⁵

Pelo facto, o poeta aproveita o ensejo para apresentar o elenco de todas as espécies florais que é possível encontrar na Ilha, e numa profusão tal, que esta série de 43 estrofes se transforma numa apoteose, uma exaltação da fertilidade da Madeira (V, 20-63)⁸⁶. Feita por Proteu, esta profecia dirigida a Baco é o vaticínio dos futuros encantos do espaço insular.

Perdido tão longamente no plano do romanesco e do maravilhoso, quando a atenção do poeta se centra no protagonista e Zarco se propõe finalmente prosseguir o seu caminho e chega à Ilha do Porto Santo, é curioso verificar que, pela primeira vez no canto épico, esta ilha merece também um tratamento poético idêntico ao que é dado à Madeira, usufruindo até de semelhante adjectivação:

“Aquella (disse Zargo) Ilha frondosa,
Que vemos, e talvez vos cause espanto,
He a aprazível Ilha milagrosa,
Que por mim foi chamada o Porto Santo:
Horriavel Tempestade tormentosa
Desabou sobre mim com furor tanto,
Que fugindo-lhe aos rábidos furores,
Alli vim escapar aos seus rigores.” (VII, 49)⁸⁷

Todavia, se o gosto romântico se anuncia na exploração de alguns modelos de paisagens atrás consideradas, na abordagem do tema da ilha encoberta, verificamos tratar-se de uma excepção, na medida em que as potencialidades poéticas que o denso nevoeiro proporciona e o terror que eventualmente poderia despertar não são explorados como seria de prever, sendo até possível verificar que os aspectos apontados se concentram significativamente, resumindo-se tudo a duas estrofes.

“Já então se dizia alli (tremendo
De susto) que, onde estava a Névoa Crassa,
Era a Garganta do Cocyto horrendo,

⁸⁵ *Idem, ibidem*, p. 123.

⁸⁶ *Cf. idem, ibidem*, pp. 122-136.

⁸⁷ *Idem, ibidem*, p. 141.

Que ruina aos Mundanos ameaça:
(Dizia-se) quem for o mar rompendo,
De certa altura para lá não passa,
Pois pela boca da Infernal garganta
Sahe voz horrenda, que os Mortaes espanta.

Parece que o Trifauce alli, ladrando,
Quer investir aos tristes Navegantes,
E que as malignas Furias, vozeando,
Alli soltão mil roncos dissonantes:
Parece estar o Inferno vomitando
Medonhas nuvens mil horrisonantes,
E dellas he tão túrbido o Negrume,
Que vêr não deixa em fim Tartáreo Lume.” (VII, 60-61)⁸⁸

De modo semelhante, num aplanar dos acontecimentos, assistimos, no Canto X, a uma enumeração sinóptica das características do espaço em que Zarco acaba por decidir construir a cidade do Funchal, sem que novos factores sejam equacionados:

“Descobre Zargo hum valle ameno, e fundo,
Por onde tres ribeiras serpejavão,
D’arvoredos despido, e só fecundo
Em funchos, que alli ferteis abundavão:
Os hálitos fragantes do jucundo
Funchoso valle os ares perfumavão;
Montes em meio circulo frondosos
Lhe servião de guarda numerosos.

Deo Zargo ao valle do Funchal o Nome,
E n’hum lado d’aquelle Porto amigo,
Porque de noite então descanço tome,
De dois grandes Ilhéos buscou o abrigo [...]. (X, 30-31)⁸⁹

Encerra-se o poema com a decisão de Zarco de pôr fogo ao bosque habitado por Pã, a fim de o expulsar das montanhas, regressando logo de seguida a Lisboa, a anunciar a boa nova da descoberta da Ilha.

Em suma, da leitura de ambos os poemas, mais do que os feitos históricos, o objectivo de ambos os poetas é cantar as belezas da Madeira, exaltar o valor dos seus habitantes, muito particularmente dos capitães a quem ambas as epopeias são dedicadas. Inserindo-se na tradição literária

⁸⁸ *Idem, ibidem*, p. 185.

⁸⁹ *Idem, ibidem*, p. 241.

que recolhe da Antiguidade os temas e *topoi*, que são reelaborados no Renascimento, o Barroco e, depois, o Neoclassicismo, constroem da Madeira e, embora em menor escala, do Porto Santo, a imagem de um sonho de arquipélago, de um mundo novo pleno de potencialidades utópicas, cuja concretização se traduziria na ideia de um arquipélago de sonho.

CLÁUDIA OTONI (*)

Professora de História na Rede Pública Municipal de Belo Horizonte

**DO “TE-DEUM”¹ AO CONTATO COM OS NEGROS
A SOCIABILIDADE URBANA NO PERÍODO
DA CORTE PORTUGUESA NO BRASIL (1808-1821)**

Resumo:

O texto levanta a questão da sociabilidade urbana no período da Corte Portuguesa no Brasil, desde o impacto da chegada até o retorno a Portugal, 13 anos depois. Se por um lado houve o fomento à economia, a remodelação da capital do reino, a circulação de gente de todas as partes do mundo europeu, a reorganização militar e policial, a ilustração, houve também o estranhamento entre portugueses e brasileiros. O grande número de negros evidenciando a contradição do processo civilizador frente à escravidão, os “beija-mãos” e os “te-deum” de D. João VI, e a chegada de viajantes estrangeiros “redescobrimo” o Brasil, dão o tom desse período da história brasileira onde evidenciam-se os benefícios e também os inconvenientes de uma nova ordem de coisas do Império português transferido para a colônia.

Abstract:

The text addresses the issue of urban sociability in the period of the Portuguese Royal Court in Brazil, from the impact of the court's arrival until its return to Portugal, 13 years later. If, on the one hand, it led to economic growth, to the rebuilding of the kingdom's capital, to the movement of people from all over Europe in Brazil, and to army and police reorganization, on the other hand, there was also an estrangement between the Brazilians and the Portuguese.

The large number of African Brazilians, highlighting the contradiction of the civilizing process regarding slavery, the “beija-mãos” and the “te-deum” of King John VI, and the arrival of foreign travelers “rediscovering” Brazil epitomize that period of Brazilian history. The new order of things in the Portuguese Empire that had been transferred to the colony brought visible benefits but also drawbacks.

* A autora é pós-graduada em História Moderna e Contemporânea pela PUC-Minas, autora do livro “O que é História das Mentalidades”- Editora Brasiliense, 1991 – entre outros escritos. Professora de História pela Rede Pública Municipal de Belo Horizonte.

¹ Te deum : hino litúrgico católico iniciado com as palavras “te deum laudamus”: a vós, ó Deus, louvamos”, predileção de D. João VI nos ofícios religiosos e nas missas cantadas.